

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

MULHERES EM ESPAÇOS DE TRABALHO MASCULINOS: O CASO DAS EMBARCADAS EM PLATAFORMAS DE PETRÓLEO.

Camila Daniel.

Cita:

Camila Daniel (2009). *MULHERES EM ESPAÇOS DE TRABALHO MASCULINOS: O CASO DAS EMBARCADAS EM PLATAFORMAS DE PETRÓLEO*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/826>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

MULHERES EM ESPAÇOS DE TRABALHO MASCULINOS: O CASO DAS EMBARCADAS EM PLATAFORMAS DE PETRÓLEO

Camila Daniel
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- Três Rios
camiladaniell@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na vida cotidiana, homens e mulheres vivem e agem tendo como referência categorias e classificações que os distinguem e os envolvem de expectativas socialmente compartilhadas. De uma forma geral, estas expectativas atribuem às mulheres qualidades associadas à docilidade, passividade e delicadeza, enquanto os homens são associados à força e virilidade. Em diferentes contextos sócio-históricos, o imaginário de que homens devem seguir um determinado padrão de comportamento e as mulheres outro estrutura as relações sociais, como por exemplo as relações na vida familiar e na esfera do trabalho remunerado. Na primeira, um modelo tradicional de divisão do trabalho atribui às mulheres a responsabilidade na execução dos afazeres domésticos e no cuidado de dependentes e ao homem caberia o provimento das necessidades de sua família, através de seu engajamento ao trabalho remunerado.

Entretanto, no processo histórico, as mulheres não deixaram de participar do mundo do trabalho como trabalhadoras, porém, quando tal fenômeno acontece, elas permanecem como principal responsável pela gestão das atividades domésticas. Por outro lado, quando estão inseridas no mercado de trabalho remunerado, elas permanecem mais representadas em determinadas profissões, nas consideradas ‘profissões femininas’ que em outras. Assim, o trabalho está intimamente interligado ao modo de vida das sociedades e sua cultura, portanto, ele se apresenta como uma esfera de extrema relevância para pensarmos as relações de gênero, entendidas como “*um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos*” (SCOTT, 1991).

Numa plataforma de petróleo, as pessoas se defrontam com um universo peculiar que exige delas uma atenção especial à sua conduta. Trabalhadores e trabalhadoras permanecem neste espaço de trabalho por um período de geralmente 14 dias ininterruptos. Durante todo este período, eles continuam na plataforma tanto no horário de trabalho como no horário de não-trabalho. Assim, Os indivíduos embarcados constroem valores, regras e normas que envolvem o trabalho de sentido, através de culturas e modos de vida que respaldam o viver numa plataforma. Nela, as possibilidades de ação são severamente limitadas ao seu espaço físico, restrita ao conjunto de pessoas que estão no seu interior. O contato com o continente sofre uma interrupção, só sendo possível através de aparelhos eletrônicos, como telefones e computadores. Concomitantemente, os indivíduos precisam conviver quase que incessantemente com outras pessoas as quais não conheciam, tendo pouca (ou nenhuma) privacidade. Todos esses aspectos afetam a estadia dos embarcados e das embarcadas, podendo comprometer sua permanência na plataforma.

Para as mulheres, o trabalho em plataformas de petróleo pode vir a lhes impor mudanças significativas. Uma das características marcantes das plataformas é que no

seu interior a presença masculina é preponderante. As mulheres estão em número significativamente menor e sua convivência com um número expressivo de homens faz com que elas se deparem com as normas e códigos compartilhados por eles e que os levam a esperar das embarcadas um comportamento determinado. Nas plataformas, as mulheres são indivíduos que atraem olhares, comentários e observações: uma embarcada é constantemente vista por seus colegas de trabalho e lembrada de que homens e mulheres são diferentes. Neste trabalho, tenho como objetivo discutir a presença de mulheres neste espaço de trabalho predominantemente masculino que é a plataforma de petróleo e sua percepção sobre as noções de masculino e feminino no cotidiano de trabalho. Para tanto, foram realizadas 12 entrevistas com mulheres em diferentes ocupações que desenvolvem suas atividades profissionais em plataformas de petróleo.

AS EMBARCADAS ENTREVISTADAS

Nesta pesquisa, foram realizadas 12 entrevistas com mulheres que trabalham em plataformas em diferentes profissões e em diferentes plataformas, como mostrado no anexo 1.

A escolha das entrevistadas visou encontrar mulheres que trabalham em ocupações onde a presença masculina predomina, ou seja, mulheres que realizam trabalhos considerados “trabalhos de homem” e mulheres que exercem atividades onde não há uma masculinização da atividade, ou seja, mulheres que trabalham em atividades onde a presença feminina é freqüente. Tal critério foi fundamental uma vez que na plataforma, a rotina de trabalho tem um papel fundamental para o convívio dos indivíduos; é através dela que eles entram em contato com seus colegas de plataforma. Portanto, uma mulher que executa uma atividade onde predomina a presença de homens ela provavelmente passará grande parte do seu tempo na plataforma com homens e terá poucas oportunidades de interagir com as outras embarcadas.

Na entrevista, algumas perguntas foram direcionadas para conhecer o campo de trabalho na qual elas estão inseridas, para que eu pudesse ter conhecimento sobre o número de mulheres na profissão das embarcadas. O contato com as embarcadas foi realizado a partir sobretudo de mulheres que eu conheci durante o período em que trabalhei embarcada¹ ou através de indicação de ex-colegas de plataformas. Entre as entrevistadas, as ocupações em que é predominante a presença masculinas são: eletricista, operadora de produção, geóloga e oficial de náutica. As ocupações de taifeira, professora de Inglês, personal trainer e comissária/nutricionista são executadas majoritariamente por mulheres. Já as ocupações de assistente administrativo, assistente de planejamento e operador de rádio são profissões mistas. Poderemos, assim, observar as diferentes opiniões que as embarcadas emitem e relacioná-las com sua experiência de vida e trabalho em plataformas.

¹ Durante o período de Julho de 2005 e Fevereiro de 2007, trabalhei embarcada como professora de Inglês.

COISA DE HOMEM? COISA DE MULHER?: PERCEPÇÕES SOBRE OS GÊNEROS

No cotidiano de uma plataforma, as embarcadas encontram um ambiente em que repensam suas expectativas, seus planos e projetos, bem como seus valores e percepções sobre homens e mulheres. Na convivência próxima e intensa com um grande número de homens, no afastamento de sua rotina ‘em terra’ e de seus entes queridos, no ritmo do trabalho, juntamente com as vivências acumuladas em sua história de vida, as embarcadas se deparam com um universo onde homens e mulheres estão próximos fisicamente, mas, mesmo próximos, não são completamente iguais. Neste tópico, eu discuto a percepção das mulheres embarcadas sobre os gêneros, a partir do trabalho.

S. conta que, antes de embarcar, tinha a percepção de que as mulheres deveriam trabalhar em áreas como a de limpeza e que homens não seriam capazes de fazer as mesmas atividades que as mulheres de maneira eficiente. No entanto, quando começou a embarcar e conheceu homens que desenvolviam as funções de arrumar quartos, lavar pratos, ela pôs-se a refletir sobre sua antiga opinião, de que homens e mulheres não eram capazes de fazer as mesmas tarefas. Sobre isso, ela diz:

Olha, quando eu comecei a embarcar, eu pensei: “taifeiro é só pra mulher, porque lavar banheiro, arrumar quarto, essas coisas, é só pra mulher”. Mas, eu vi que não. Lá é diferente. Lá, tem o pieiro, o cara que lava prato, que é um homem, ou às vezes é mulher. Tem o taifeiro, que limpa camarote que é homem. Então, eu acho que hoje, eu tenho a convicção e a certeza de que não existe diferença de trabalho de homem e de mulher não.

Depois de começar a embarcar, S. declara ter mudado de opinião sobre a capacidade de homens executarem tarefas ligadas à limpeza e arrumação, porém P., M. R. e M. acreditam que a mulher é mais habilidosa que o homem em atividades que remetem ao trabalho doméstico, como o trabalho de hotelaria. Elas, que são também taifeiras como S. e convivem com homens em suas ocupações, afirmam que as mulheres são mais caprichosas que os homens e, por isso, há mais taifeiras que taifeiros trabalhando em plataformas. Neste sentido, elas acreditam que há profissões masculinas e profissões femininas:

Eu acho que não área de arrumação, sem sombras de dúvida, a mulher ganha. Por mais mal feito que ela faça, ela ganha do homem. A não ser que a mulher seja muito relaxada, muito largada mesmo. M. R.

O trabalho da mulher é muito melhor, sem dúvida. Mulher tem muito mais capricho. O homem não tem jeito pra arrumar cama, forrar, limpar, deixar tudo arrumadinho. Homem não gosta de cuidar de peão não, de dobrar cueca de peão. P.

K., por outro lado, também defende que as mulheres possuem características diferentes daquelas presentes nos homens e, para ela, a conciliação entre trabalho e família é um elemento que cultiva a “gana” nas mulheres e as tornam melhores profissionais que os homens:

A mulher é muito melhor profissional que o homem! Sem ser preconceituosa, as mulheres são muito mais organizadas, (...) elas são mais diretas... Elas têm muito mais gana no que elas fazem. Elas são muito mais batalhadoras, elas são muito mais lutadoras... A mulher, ela é muito mais voltada, muito mais centrada que o homem. Eu sinto a mulher muito mais assim... sexo forte, sabe? Muito mais que o homem. O homem, o homem é mais fraco como profissional. Assim, claro que têm os homens muito melhores, e as mulheres muito mais fracas. Mas, em geral, a mulher é muito mais lutadora. Talvez até porque ela vai chegar em casa, ainda vai ter que arrumar a casa, cuidar dos filhos, ainda vai lavar a louça.. Tem essa coisa da mulher de batalhar, de lutar, de correr atrás. O homem não. O homem tem aquela coisa de fazer o trabalho dele. Eu acho que geralmente, o homem faz o mínimo. Ele não é muito batalhador. Ele faz o mínimo. Enquanto a mulher tá sempre (...) “excedendo”.

D., G. e J. compartilham da percepção de que homens e mulheres possuem características específicas e, por isso, haveriam tarefas mais adaptáveis ao perfil dos homens e outras ao perfil das mulheres. Em suas palavras:

Eu acho que homens e mulheres às vezes eles têm aptidões próprias, da sua natureza, que, em determinadas funções são mais favoráveis, enquanto que em outras não. Eu vejo a mulher como uma pessoa que pode desempenhar várias funções, fazer várias coisas ao mesmo tempo e tem uma capacidade de observação maravilhosa. Daí, a gente vê por exemplo, excelentes cirurgiãs, excelentes secretárias... Eu acho nesse sentido: capacidade de desempenhar várias atividades ao mesmo tempo. O homem, eu acho que ele é mais focado numa coisa só e consegue desenvolver bem aqui. Então, essa diferença de homens e mulheres biologicamente faz a diferença, talvez, na hora de você exercer uma função. Mas, isso não quer dizer que um ou outro não possa exercer. G.

[...] os homens têm umas características específicas e as mulheres também. Então, eu acho que, assim por exemplo, um trabalho que exige muito detalhe, ou mais sutileza, eu acho que é mais cara de mulher, porque a mulher é mais detalhista, ela é mais dócil. Existem trabalhos que tem mais o perfil de uma mulher. E o homem, por outro lado, é mais determinado em algumas: pra tomar decisão, ele não fica pensando, pensando... Então, um trabalho que exige isso, que exige uma rapidez, que exige uma tomada de decisão, é mais o perfil de um homem. D.

Ao contrário das outras entrevistas, A. P., A. C. e R. acreditam que as mulheres são capazes de executar qualquer atividade que decida fazer, até mesmo aquelas em que tradicionalmente eram restritas a homens. Por isso, elas defendem que não há trabalhos “masculinos” e “femininos”, já que qualquer trabalho poderia ser realizado por qualquer pessoa que assim deseje. A. C. imagina que possa existir trabalhos que ela, que é uma mulher, não consiga fazer. Porém, ela não atribuiu a razão de não conseguir realizar determinado trabalho ao fato de ser mulher:

Talvez um trabalho assim, que eu tente fazer e não consiga, eu acho que seja por falta de competência. Talvez um cara, que tenha metade do meu tamanho, também não consiga. Talvez esteja à mercê de qualquer um, ou por força física, ou talvez por inteligência mesmo, de não conseguir. Mas, eu acho que não tem nada a ver ser homem ou mulher não. A. C.

Já R. crê que na rotina de trabalho, homens e mulheres são iguais e ambos precisam enfrentar os desafios que surgem no trabalho de operação. Ela conta que ela mesma aprendeu a lidar com sua rotina de trabalho, executada com colegas de trabalho, todos do sexo masculino, e que às vezes, exige que ela se utilize de força física. Para ela, o uso da força não é um impeditivo para que ela execute suas tarefas profissionais:

[...] as coisas que são pesadas, é pesado pra mim e prum homem qualquer e aí usa algum tipo de mecanismo, algum tipo de ferramenta pra facilitar. Então, a dificuldade é igual.

Assim, no seu dia-a-dia nas plataformas, as mulheres embarcadas encontram um terreno fértil onde (re)pensam os sentidos atribuídos ao “masculino” e ao “feminino” e sua manifestação na esfera do trabalho. Apesar de apenas A. C. e R. afirmarem que ser “homem” e “mulher” não restringe as habilidades de desenvolver atividades profissionais, as embarcadas não negam que as mulheres podem superar-se e ingressar em carreiras onde antes elas não entravam. Elas citam exemplos de colegas de trabalho, mulheres técnicas e engenheiras que superaram as barreiras de suas profissões e lograram êxito. O convívio próximo, propiciada pela vida embarcada, permite que mulheres em diferentes ocupações compartilhem suas experiências de trabalho, tornando possível uma relativização das “profissões masculinas” e “profissões femininas”.

Enquanto na esfera do trabalho as mulheres embarcadas têm marcado presença em espaços e profissões não-tradicionais, elas vivem a experiência de trabalho de uma maneira particular, tendo como referência sua inserção na vida familiar. Constantemente, elas citam a família como algo de valor, que elas lamentam não estar presente quando estão embarcadas.

Enquanto na esfera do trabalho as mulheres embarcadas se consideram desbravadoras, nos relacionamentos amorosos e familiares, algumas embarcadas acreditam que a distância da família e dos entes queridos é um preço muito alto a ser pago. Preço que os salários, por mais atraentes que sejam, não recuperam. Para as mulheres com filhos, a saudade é palavra enfaticamente repetida nos seus relatos, mostrando um pesar ao sentir a ausência deles. As casadas lamentam a o período que passam longe de seus maridos, mas orgulham-se de ter companheiros que entendem seu trabalho e que se esforçam para manter uma relação agradável para ambos. As solteiras gostariam de ter um companheiro, mas acredita que é difícil encontrar um que compreenda seu trabalho e a respeite. Elas acreditam que as mulheres estão mais apegadas à familiar que os homens e também assumem mais responsabilidades com a gestão das atividades domésticas e no cuidado com os filhos, por isso, concluem que para as mulheres é mais difícil embarcar que para os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a diferença biológica de homens e mulheres e a capacidade de executar determinadas tarefas aparece no discurso destas embarcadas como intimamente associados. Em suas explicações, as mulheres são consideradas portadoras de habilidades e aptidões que potencializariam sua inserção em algumas carreiras e ocupações, como a área de limpeza e administrativo-, e desestimulariam sua entrada em outras. Entre as áreas onde as mulheres estariam mais sujeitas ao fracasso estariam aquelas onde é imprescindível o emprego da força física. Se, por um lado, as mulheres são “caprichosas” e “detalhistas”, na opinião da maioria das embarcadas, os homens são “fortes” e é esta força que, para elas, distingue homens e mulheres no trabalho.

As embarcadas consideram a força física um limite natural para as mulheres: ela imprimiria nos corpos até que ponto as mulheres poderiam se aproximar dos homens na esfera do trabalho. Entretanto, elas acreditam que as mulheres possuem habilidades inatas que as tornam mais propensas a desenvolverem determinadas tarefas, porém, elas não negam a possibilidade das mulheres superarem a natureza e, através do “esforço”, realizar um trabalho masculino. As embarcadas que acreditam na existência de habilidades femininas citam suas colegas de plataforma em ocupações masculinas como exemplo de superação: a força de vontade se choca com a força física. Assim, a experiência de conviver num espaço fechado com mulheres em diferentes profissionais despertam nas embarcadas a percepção de que as mulheres podem exercer qualquer trabalho que de fato deseje, relativizando a noção de feminino.

Neste sentido, as embarcadas constroem cotidianamente concepções sobre o “feminino”. Na esfera do trabalho nas plataformas, elas convivem com homens e mulheres que ocupam diferentes profissões e presenciam a entrada de mulheres em atividades tradicionalmente masculinas. Estas mulheres são citadas como exemplos da capacidade feminina em superar as dificuldades: primeiro, entrando nas plataformas; depois, ingressando, dentro do espaço masculino da plataforma, em profissões também masculinas. Portanto, mesmo quando acreditam que as mulheres são “caprichosas”, “boas ouvintes”, “detalhistas”, habilidades consideradas “naturais” e típicas da composição biológica das mulheres, as embarcadas também acreditam que as mulheres são capazes de se superar. Elas crêem que as mulheres não são mais restritas a determinadas atividades e a presença de mulheres em profissões tradicionalmente

masculinas são para elas a prova disso. Engenheiras, mecânicas, eletricistas são rotineiramente citadas como mulheres que representam a superação da superação: elas não apenas enfrentam a vida numa plataforma, um ambiente fechado e masculino, como também, superaram a desconfiança de colegas de plataforma que, não acostumados a verem mulheres em sua atividade, admiram-se ao encontrar nestas mulheres companheiras de atividade profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, 2007.

BRUSCHINI, Cristina, PUPPIN, Andréa Brandão. Trabalho de Mulheres Executivas no Brasil no Final do Século XX. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 121, 2004.

DANIEL, Camila. A Cultura dos Embarcados. XXI Encontro Anual da ANPOCS: Caxambu, 2007. *mimeo*.

_____. A Ilha dos Embarcados: um estudo sobre uma plataforma de petróleo, monografia (conclusão de graduação em Ciências Sociais), CCH/UENF: Campos dos Goytacazes, Março de 2006.

FARIAS, Patrícia. O homem *offshore* reflexões em torno da construção do masculino e do feminino entre trabalhadores do petróleo em Campos dos Goytacazes, RJ. V Encontro da RAM. Florianópolis, 2005.

_____. Mulheres ao mar: gênero, cor e sociabilidade entre trabalhadores de plataformas marítimas em Campos, RJ. XXVI Reunião da ABA. Porto Seguro, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GUIMARÃES, Nadya Araújo Laboriosas mas redundantes: gênero e mobilidade no trabalho no Brasil dos anos 90. *Rev. Estudos Feministas*. v. 9. 2001.

HIRATA, Helena. Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual?. In BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. G. (orgs.). *Gênero, democracia e sociedade*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.

LOMBARDI, Maria R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, 2006.

PENA, Maria V. J. *Mulheres e Trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil para análise histórica. Recife, mimeo, 1991.

SORJ, Bila. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: ARAÚJO C., SCALON C. (orgs.). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SWERDLOW, Marian. Men's Accommodations to Women Entering a Nontraditional Occupation: A Case of Rapid Transit Operatives. In: DUNN, D. (org.) *Workplace/Women's Place* (org.); Los Angeles: Roxbury Publishing Company; 1997.